



5º Simposio de Ensino de Graduação

LITERATURA CONTEMPORÂNEA: A DISSOLUÇÃO DO INDIVIDUALISMO EM BUDAPESTE DE CHICO BUARQUE

Autor(es)

EDINA CRISTINA DE SOUSA IGNACIO

Orientador(es)

Vadinea Aparecida Detoni Corbini

1. Introdução

Sabemos que o século XX foi marcado por inúmeros acontecimentos e grandes revoluções que somados a uma conscientização do nacionalismo foram fatores que caracterizaram tal século como modernista. Como também contribuíram para a consolidação definitiva da emancipação das Letras e das Artes Brasileiras. Logo, podemos observar nesse período, uma abertura para as vanguardas e muitas mudanças, inclusive o impulso das rupturas. A partir disso, há a quebra da linearidade, o surgimento da estrutura caótica, fragmentada e ambígua, a quebra da lógica racional e do individual. A contribuição deixada pelo Modernismo, tanto para a cultura, como também para a sociedade de modo geral, desde o seu “surgimento” até os dias de hoje, considerados como contemporâneos, ainda é refletida nas “produções artísticas” do século XXI. Este trabalho realizou-se em cumprimento à disciplina de Literatura Brasileira III, oferecida no 7º semestre de Letras-Português, ministrada pela Profª Vadinéa Ap. Detoni Corbini, tendo como corpus para análise a obra literária “Budapeste” de Chico Buarque de Hollanda, na qual foram explicitadas algumas questões referentes a quebra do individualismo, ou seja, uma abordagem voltada a dualidade existente na obra.

2. Objetivos

O enfoque dado nessa abordagem será voltado fundamentalmente para a dualidade existente que permeia toda a obra, uma vez que está presente em grande parte dos elementos utilizados pelo autor.

3. Desenvolvimento

Tendo como ponto de partida a idéia de termos em pleno século XXI autores e respectivas obras de cunho modernista, e algumas características, como por exemplo os de ruptura da linearidade, as fragmentações ou cortes (como cinema) e a dualidade ou cisão de alguns elementos existentes na obra, o romance

analisado ou o objeto de estudo desse trabalho será o livro “BUDAPESTE” de Chico Buarque de Holanda, publicado pela Companhia das Letras em 2003. Já em sua segunda edição o romance Budapeste, foi publicado pela “Companhia Das Letras” em 2003. Nele o autor narra a história de um “ghost-writer”, José Costa, que numa viagem aérea entre Istambul e Frankfurt, seu avião faz uma escala imprevista em Budapeste. A partir daí, o personagem principal vive entre dois mundos paralelos, duas profissões, duas mulheres ou duas famílias, numa ponte aérea Brasil / Budapeste e consequentemente Budapeste / Brasil. Aspectos como a ruptura com a linearidade e a fragmentação ou cortes na estrutura das obras modernistas, podem ser encontradas em “Budapeste”. Ressalta-se, porém, que a análise a ser realizada não intenciona focar todos os elementos caracterizantes das obras contemporâneas, mas apenas alguns, sendo estes abordados de maneira superficialmente, utilizando apenas alguns trechos da obra como exemplo, de modo que não se esgote todas as possibilidades de interpretação, já que o exercício realizado nada mais é que um exercício de leitura autônoma. Sendo assim, as questões relacionadas ao herói problemático do homem contemporâneo (inconstância e dualidade) são os pontos escolhidos para a análise.

4. Resultados

O principal foco abordado nessa análise será aquele que irá tratar a questão da dualidade, da ambigüidade problematizada nas escolhas do personagem. Dualidade esta que será aqui representada pela cisão na constituição da história do personagem no romance. A ruptura ou a dissolução retratará a vida, o comportamento e as vontades de um homem que não consegue se encontrar, de um herói problemático, típico do homem contemporâneo. De um personagem regido por dois “pólos” diferentes, tomado por uma intensa inconstância nos atos, uma vez que o mesmo permanece sempre num “meio fio” das questões existenciais. Em princípio temos a situação da cidade, pois Budapeste, cortada pelo rio Danúbio, é dividida por regiões distintas “Buda” e “Peste” que juntas formam uma unidade ou uma cidade só. (...)Alguma hora eu teria de marcar a viagem de volta, pois meu bilhete estava em aberto.(...) Poderia até embarcar naquela noite, se calhasse, visto que Buda eu já conhecia de cor, e para Pest tinha um dia inteiro.(...) (pág. 58). A inconstância nas atitudes do personagem estão explícitas, ainda no que se refere à Budapeste, em sua descrição a respeito das características da cidade húngara, pois em diferentes momentos ele relata duas Budapestes distintas, no que se refere a imagem geográfica. (...)O Danúbio, pensei, era o Danúbio mas não era azul, era amarelo, a cidade toda era amarela, os telhados, o asfalto, os parques, engraçado isso, uma cidade amarela, eu pensava que Budapeste fosse cinzenta, mas Budapeste era amarela. (pág. 11) As questões relacionadas ao comportamento imprevisto, atormentado e tumultuado do personagem aparecem já em sua posição diante da profissão, já que, sendo um “ghost-writer”, profissional que tem como função escrever artigos, livros, etc. para que outros assumam sua autoria, José Costa ao mesmo tempo em que sente prazer por se passar por estranhos aos admiradores de “suas” obras, não demonstra estar confortável, pois mesmo estando cientes das atitudes éticas a respeito de sua profissão, num ato de ira devido o comportamento de sua mulher, sente ciúmes dos créditos debitados a um de seus clientes. (...) Nem gritar com ela eu queria, só esperava o final da algazarra para lhe dizer umas palavras. (...) Naquele instante oco, com uma voz que não era a minha, lhe comuniquei: o autor do livro sou eu. (pág. 112) As indecisões do nosso “herói” referem-se também à língua por ele utilizada, uma vez que, ao mesmo tempo em que se declara necessitado por falar ou ouvir o português, é também desafiado a aprender o húngaro, como se fosse uma necessidade. (...) Religuei em seguida, porque a Vanda não abandonaria o menino à noite: oi, é a Vanda, no momento não posso atender... Tornei a ligar e a ligar e a ligar, até perceber que ligava pelo gosto de escutar minha língua materna (...) (pág. 71) (...) Era a sonoridade do idioma húngaro que se abria para mim ao passo que eu penetrava o salão. Vibravam as vozes húngaras ao meu redor, sem suspeitar que expunham a um intruso os seus segredos. E por ignorar os significados, com mais nitidez eu percebia as inflexões da língua; estava atento a cada reticência, a cada hesitação, à frase interrompida, à palavra partida ao meio como fruta que eu pudesse espiar por dentro.(...) (pág. 35) As inconstâncias nas atitudes do personagem José Costa (Zsoze Kósta) estão refletidas também em seu possível refúgio, pois vive vidas paralelas, uma no Rio de Janeiro, Brasil, com família e trabalho e outra em Budapeste, Hungria, na qual mantém emprego e uma relação conjugal e paternal com Kriska e seu filho Pisti. Da mesma maneira sua relação com as duas mulheres não se apresenta bem definida, já que, ao manter o casamento com uma e

laços tão estreitos com outra, o desejo e a preferência que sente não é único e exclusivo de apenas uma, mas sim de ambas, uma vez que não se decide por quais atributos femininos se sente mais atraído. Kriska se despiu inesperadamente, e eu nunca tinha visto corpo tão branco em minha vida. Era tão branca toda a sua pele que eu não saberia como pegá-la, onde instalar as minhas mãos. Branca, branca, branca, eu dizia, bela, bela, bela, era pobre meu vocabulário. (...) (pág. 45) (...) Dava-me grande prazer ver a naturalidade com que a Vanda despiu a blusa, sem sutiã por baixo, depois desabotoava a saia, ficando só de calcinha, e constatei que a temporada longe do mar não lhe alterara o tom da pele. (...) (pág. 101) Os exemplos acima mostram diante das características das duas mulheres, sendo uma morena de corpo bronzeado e a outra de pele clara, típico das mulheres européias, a indecisão ou a “dupla” preferência do personagem. As relações que o personagem José Costa mantinha com Álvaro, seu suposto amigo e sócio também não aparecem bem definidas, de forma que o próprio personagem não defina se sua relação com o outro é de um amigo sócio ou de um sócio amigo, pois as relações de ódio e “amor”(respeito) que possuíam durante a adolescência se mantiveram durante os anos, mas o “papel de amigo” fora substituído pelo de sócio. A caminho da agência, com os vidros fechados, o carro do Álvaro recendia à mesma água-de-colônia do nosso tempo de estudante, quando ele costumava me dar carona até a casa do meu pai. (...) Com um mínimo de pudor, mais um tanto de ódio preservado, nossa amizade se consolidou (...). (pág. 90) (...) Muitas vezes cogitei em carregar para casa o computador e os dicionários, mas era talvez o que faltava para o Álvaro me desligar da sociedade.(...) (pág. 37) Ainda no âmbito do trabalho de José Costa, a questão do duplo se mantém, pois o personagem, assim como em sua vida amorosa, mantém duas profissões, a primeira seria como “ghost-writer” ou “escritor de aluguel”, e a segunda, como um cidadão comum perante a sociedade, que para garantir a suposta autoria de seus clientes, utiliza-se de uma faixada como “digitador profissional”. (...) O tabelião abriu o livro de notas sobre a mesa do Álvaro e leu em voz alta a escritura declaratória, onde José Costa confirmava ter prestado serviços de digitação a Kaspar Krable, sem qualquer participação autoral em seu relato autobiográfico O Ginógrafo (...) (pág. 92) A roleta russa realizada por José Costa num hotel de Budapeste, de certa forma também representa o duplo focado nessa análise, o medo e a coragem estão juntos simultaneamente, uma vez que, estando ciente do risco que estão correndo os praticantes, assim como nosso personagem e seus dois “convidados” estranhos, estão à mercê da sorte, ou seja, aos que optam pela “brincadeira” só lhes restam duas saídas, ouvir o estalo do gatilho e passar a arma adiante, ou ser surpreendido pelo projétil. A coragem instantânea de José Costa em puxar o gatilho é automaticamente substituída pelo medo, estando este disfarçado por uma sensação de alívio. (...) Desviei o revólver para o ouvido, para o coração, para um olho e outro, fiquei passando a ponta do cano feito um batom nos lábios, (...) Senti no paladar que a arma tinha chumbo, ela já desprendia chumbo na minha língua, e agora era tarde, eu não podia me deter. (...) (pág.54)

5. Considerações Finais

As problemáticas e inconstâncias do moderno ou contemporâneo, representado pelo personagem José Costa (Zsoze Kósta), não estão marcados apenas pela cisão que denota a dualidade em seus atos e suas vontades, como foi proposto mostrar nessa análise. O duplo também aparece na utilização que o autor faz de alguns elementos como, por exemplo: o sofá em formato de L, que em um de seus delírios envolvendo a imagem da esposa, José Costa imagina a mulher sendo possuída por outro homem em cima do móvel em formato de L. (...) A Vanda, com efeito, estava prestes a se entregar ao alemão, e eu teria preferido não continuar imaginando semelhante cena. (...). Possesso, Kaspar Krabbe saltou sobre a mulher sem despir, deitou-s em L no sofá em L e dessa forma a possuiu. (...). (pág.87) Dessa forma, a imagem que temos do sofá em L e conseqüentemente da posição da mulher em L, representa algo que não é inteiro ou uniforme, mas sim dividido, como se naquele momento pertencesse aos dois homens ao mesmo tempo. Partindo do princípio de que o formato em L nos dá a visão de um ponto quase central que bifurca em duas direções opostas. Como também pelo fato de Vanda ser gêmea de sua irmã Vanessa, o que caracteriza duas mulheres, de diferentes essências, mas com o mesmo tipo físico. As “imagens” dispostas por pares simétricos no corpo da narrativa também simbolizam a questão do duplo. Os pares simétricos utilizados pelo autor aparecem nas formas gráficas dos seguintes nomes: o Pelo logotipo da empresa em que José Costa é sócio de Álvaro, sendo então marcadas pelas iniciais do sobrenome de ambos Cunha & Costa. o Pelas duas

iniciais do nome do alemão, Kaspar Krabbe, “autor” de “O Ginógrafo”. o Também pela maneira com que o suposto escritor alemão, no momento de fazer dedicatória à Vanda em seu livro, grafa seu nome com W (Wanda), o que nos remete a uma imagem de dois Vs unidos. As conturbadas questões enfrentadas pelo homem contemporâneo mediante a sociedade e aos princípios ideológicos que esta impõe, as inquietações e inconstâncias do personagem José Costa representam exatamente os sintomas da relação homem/sociedade. Nesse caso especificamente, o herói problemático não consegue se encontrar, é regido por um tormento interno, involuntário, que dificulta sua relação no meio em que vive. Por último, observa-se uma espécie de “brincadeira” que o autor faz com seu leitor, uma vez que, ao narrar a história de um homem que escreve para outros assinarem (ghost-writer), o autor dispõe na capa e contracapa da obra duas assinaturas de autoria, uma com o nome Chico Buarque e a outra com o nome húngaro Zsoze Kósta (José Costa). Dessa forma levando em consideração que a primeira capa leva o nome de Buarque, podemos subentender que Kósta estando por trás desse primeiro, continua sendo um “ghost-writer”, ou seja, é o verdadeiro autor do romance, enquanto que Buarque um de seus prováveis clientes.

Referências Bibliográficas

HOLLANDA, C. B., Budapeste. Companhia das Letras. São Paulo, 2003